

O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde

The Challenge of Knowledge: Qualitative Health Research

Vanessa Nolasco Ferreira

Doutoranda em Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca.

Ingrid D'Avilla Freira Pereira

Doutoranda em Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca.

Ao longo da nona edição do clássico *“Desafio do Conhecimento”* Maria Cecília de Souza Minayo atualiza e amplia seus escritos sobre a pesquisa qualitativa com ênfase na saúde. Tal revisão é apoiada em sua evolução pessoal, profissional e a partir da relação com outros pesquisadores. A autora é feliz em sua capacidade de síntese referenciando apenas autores que adensam a argumentação do trabalho, o que evitou que o livro se tornasse um tratado teórico de metodologia qualitativa.

A obra apresenta a mudança histórica e sociológica da pesquisa qualitativa e seus impactos na ciência e no sentido de sua ética, discutindo a emersão dos campos da ciência e tecnologia como maior força produtora rentável do mundo. Aponta o lado externo da ciência como o impulsionado pelas mudanças no processo produtivo e de trabalho. Dada a natureza atual da condução da ciência, o conhecimento se dá por meio da solução de problemas complexos que atravessam inúmeras disciplinas - *“modalidade do trabalho em rede”* (p.14). A partir desse cenário a big-science, caracterizada pela construção coordenada e cooperativa do conhecimento através da liderança de uma instituição com pesquisadores que formam a base do projeto, transcende espaços físicos e inclui pessoas em diferentes estágios, consolida-se.

Entretanto, o foco do trabalho é o lado interno da ciência que com o advento da big-science torna a diferença entre as ciências básicas e aplicadas quase inexistente por conta da criação de estratégias que articulam processos de investigação como desenvolvimento tecnológico e de produção. Assim, as prioridades do campo das ciências são realocadas priorizando o consenso com fatores externos. Exemplifica tal fato ao analisar as opções metodológicas que respondam as transformações do campo do conhecimento na área da saúde, visto que essa área precisa lidar com a construção de modelos de *“investigação por problema”* (p.16) visando uma lógica ao menos multidisciplinar. Esse fato culmina na necessidade de construção de um *“pensamento complexo”* que se conecte a várias disciplinas. Com isso, abre-se espaço para pluralidade de formas de pensar e de experiências articulando conhecimentos aplicados voltados à melhoria das condições da população.

Por fim, ao trazer o debate do “qualitativo” para o campo da saúde considero que é preciso impregná-lo das discussões e críticas atuais das Ciências Sociais. Por isso, tanto no que concerne à problemática teórica quanto à metodológica, todas as reflexões desse livro estão sob o signo da historicidade e submetidas às vicissitudes, avanços, recuos, interrogações e perspectivas da totalidade social em seu dinamismo. Isso se justifica no fato de as ciências da saúde não se instituírem como uma disciplina (e sim, como uma variedade delas) e nem como um campo separado das outras instâncias de interpretação da realidade. (p.28)

A partir dessa afirmação é possível captar como Minayo entende a complexidade da metodologia no campo da saúde, afinal, este campo engloba avanços tanto das *hard sciences* quanto das ciências sociais humanas. Dessa forma, defende a ampliação do conceito de saúde para que “*abranja a totalidade das relações sociais e dos investimentos emocionais que contêm e se expressam na cultura*” (p. 29). Compreende ainda que a visão qualitativa contempla aspectos da realidade social sendo o “*locus onde se articulam os conflitos e as concessões, as tradições e as mudanças e onde tudo ganha sentido, ou sentidos uma vez nunca há nada humano em significado e nem apenas uma explicação para os fenômenos que abarcam.*” (p. 31).

Pelos motivos apontados pela autora, as principais abordagens utilizadas são a abordagem socioantropológica na linha do estrutural-funcionalismo e a fenomenologia, classificada como a de maior relevância na área da saúde mediante as afirmações das concepções de saúde e doença como culturalmente específicas.

O arcabouço teórico utilizado é explicado de maneira fascinante e muito acessível. A autora discorre sobre três grandes tradições teóricas das Ciências Sociais – Positivismo, Sociologia Compreensiva e a Dialética. A mesma critica o Positivismo e seu caráter conservador quando tende a limitar o universo científico a pesquisas quantitativas. Discorre sobre a Sociologia Compreensiva a partir do proposto por Dilthey até chegar ao Interacionismo Simbólico apontando como ponto mais positivo dessa corrente o encorajamento à pesquisa de campo em profundidade, permitindo o aprofundamento no conhecimento da realidade pesquisada. Já a Dialética Marxista é vista a partir da ontologia do homem sendo percebida de modo aberto, ao emprestar métodos e técnicas desde que não comprometa a dialética em um sentido amplo.

A partir da terceira parte do livro, privilegia-se um caráter mais empírico com o aprofundamento dos passos da pesquisa qualitativa em saúde. O primeiro conceito a saltar aos olhos é o *Ciclo de Pesquisa* definido como um processo de trabalho em formato de espiral que começa com um problema e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas investigações. Tal definição lembra a epígrafe da introdução

“A última coisa que se encontra ao fazer uma obra é o que se deve colocar em primeiro lugar” (Pascal, *Pensée*, frase nº 19, 1978), pois “sendo então todas as coisas causadas e causadoras, ajudadas e ajudantes, mediata e imediatamente, e todas se relacionando por um vínculo natural e insensível que liga as mais afastadas e mais diferentes, creio ser tão impossível conhecer as partes sem conhecer o todo como conhecer o todo, sem conhecer particularmente as partes” (Pascal, *Pensée*, frase nº73, 1978)

É de destaque que o Ciclo de Pesquisa é composto pelas seguintes fases: exploratória; trabalho de campo; análise (tratamento do material, ordenação, classificação e análise propriamente dita); teorização sobre os dados; produção de conhecimentos afirmativos e questões para posterior aprofundamento, dado que o ciclo nunca se fecha.

A fase exploratória da pesquisa tem como foco a construção do projeto de investigação e pode ser considerada uma pesquisa em si (Pesquisa Exploratória). É nessa fase que se constrói o projeto e são testadas hipóteses ou mesmo realizados pré-testes para entrada

em campo. Além de um passo crucial, constitui-se como uma das de maior importância visto que um projeto que não esteja bem desenhado e delimitado pode apresentar inconsistências em todas as posteriores etapas. Minayo propõe quatro balizas para a construção dessa fase: a aproximação do conhecimento construída a partir da aproximação do conhecimento de outros; a incontabilidade e inacessibilidade do objeto que faz com que toda afirmação a seu respeito seja apenas uma aproximação; vinculação entre pensamento e ação visto que todo problema científico é derivado de uma situação prática; e, por último e não menos importante, ter em mente que todo conhecimento é interessado, ou seja, a neutralidade pregada pelos Positivistas é uma falácia.

A pesquisa qualitativa tem como instrumentos de pesquisa mais utilizados a observação e a entrevista, sendo que ambas também constituem seu pilar. No livro a entrevista é considerada no "*sentido amplo de comunicação verbal*" (p. 261) e é utilizada para coleta de dados ou informações sobre o assunto de uma pesquisa.

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista esse objetivo (p.261).

A autora explica detalhadamente no décimo capítulo os tipos de entrevista e as formas e situações em que cada uma de suas variedades podem ser utilizadas. No entanto, é imprescindível ressaltar que a importância dessa técnica reside no fato de ser uma forma privilegiada de interação. A entrevista utiliza alguns dos traços mais característicos dos seres humanos: a linguagem e a interação social, privilegiando uma imersão na maneira como o(s) sujeito(s) percebem a situação eleita para pesquisa.

Outra técnica crucial e inerente ao trabalho de campo é a observação participante. Seu caráter essencial pode ser apontado, conforme Minayo, pelo fato de alguns autores a considerarem uma técnica em si, apesar desse fato não ser uma unanimidade no campo das Ciências Sociais. É louvável a consideração da observação participante e não a observação pura simples, o que corrobora com a afirmação da autora de que não é possível fazer uma pesquisa com a isenção proposta pelos Positivistas. É através da observação que o pesquisador se torna capaz de "*relativizar o seu espaço social, aprendendo a se pôr no lugar do outro*" (p.274) fazendo com que o mesmo exerça a virtude de se aproximar de seu interlocutor.

Munido das técnicas propostas e ciente de sua relevância, o pesquisador terá uma série de dados que precisam passar por análise e mais uma vez a autora é muito bem sucedida ao explicar e trabalhar com profundidade técnicas consagradas como Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Análise Hermenêutica-Dialética, sendo as duas primeiras as mais utilizadas.

[...] a análise de conteúdo diz respeito a técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos. Em comum as definições que ressaltam o processo de *inferência*. (p. 303 [grifo da autora])

A Análise de conteúdo se caracteriza, para autora, pela pré-análise e criação de um perfil. Seguida da exploração do material, através de análise, tratamento e interpretação dos resultados obtidos.

Na pré-análise, é realizada uma organização do material por intermédio de uma leitura flutuante das entrevistas, onde o pesquisador familiariza-se com o material. Após a pré-análise do material coletado, será conduzida a codificação, que corresponde à transformação dos dados

em sua forma bruta em texto. Esta, pode ser realizada através de recorte, agregação e enumeração, que levam a uma representação do conteúdo, permitindo ao analista esclarecer os indícios ou categorias.

Concluída a etapa da codificação, passa-se à categorização, que representa a classificação de elementos constitutivos do material presente na coleta de dados em um conjunto diferenciado que, posteriormente, é agrupado. Nas categorias, são reunidos grupos de elementos com características comuns. A partir disso, constrói-se um *corpus* de análise que possibilita a elaboração dos indicadores para a discussão final. A inferência constitui o último procedimento do qual lança-se mão e reflete uma comparação entre o que emergiu da população pesquisada e o que se encontra presente na literatura e nos meios de divulgação científicos.

A Análise do Discurso se apresenta, através do proposto por Minayo, como uma análise mais aprofundada visto que tem o objetivo de:

[...] realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação dos textos produzidos nos mais diferentes campos: das relações primárias, religioso, filosófico, jurídico e sociopolítico, visando a compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção de seus sentidos. (p. 319)

É possível entender, a partir das explicações trazidas no livro que a Análise de Discurso difere-se da Análise de Conteúdo, principalmente, porque a primeira trabalha com o sentido e não com o conteúdo em si, enquanto a segunda privilegia a materialidade linguística através de condições empíricas. Assim, na medida em que uma enfatiza a compreensão dos sentidos manifestados pelo discurso, a outra pretende compreender o sujeito através do conteúdo expresso no texto. A metodologia da Análise do discurso privilegia a fala e seu contexto, por esse motivo é apontada como alternativa à Análise de Conteúdo.

O livro "*O Desafio do Conhecimento*" constitui não só um manual a ser utilizado para a pesquisa qualitativa em saúde, mas também uma possibilidade de busca de arcabouço teórico para sustentação de métodos e técnicas a serem utilizadas nas pesquisas do campo da saúde e ciências humanas e sociais. Entretanto, apesar da autora enfatizar que o objeto de estudo do livro é a pesquisa qualitativa, a relação com a vertente quantitativa solta aos olhos ao se entender que as duas abordagens são complementares e que os princípios utilizados para o trabalho empírico qualitativo também são imprescindíveis para pesquisas quantitativas.